

O ensino da literatura e da história: uma relação dos saberes

Teaching of literature and history: A reconnection of knowledge

Alessandra Carlos Costa Grangeiro *

Thématique 2: l'éducation et l'apprendre à vivre

Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG

Resumo

Este trabalho tem por objetivo pensar a relação dos saberes da história e da literatura, ou seja, a identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção. Será evidenciada a contribuição da literatura para o conhecimento do homem e das suas relações sociais, bem como para a compreensão mais profunda dos desafios contemporâneos. A relação dos saberes históricos e literários será feita por meio da abordagem da obra de William Faulkner. A base teórica utilizada serão as obras *Os sete saberes necessários à educação do futuro* e *A relação dos saberes*, de Morin e *Tempo e Narrativa*, de Ricoeur.

Palavras chave

Literatura; História; Relação de saberes

Abstract

This work is aimed at reflecting the reconnection of the history and literature knowledge, ie the structural identity between history and fictional narrative. Literature's contribution will be shown to the knowledge of man and his social relations, as well as for deeper understanding of contemporary challenges. The reconnection of historical and literary knowledge will be made through the William Faulkner's work approach. The theoretical basis used will be the works *Os sete saberes necessários à educação do futuro* e *A relação dos saberes*, de Morin e *Tempo e Narrativa*, de Ricoeur.

Keywords

Literature; History; Reconnection of knowledge

* É professora na Universidade Estadual de Goiás, Brasil. É doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa. Tem feito investigação acerca do ensino de literatura numa perspectiva transdisciplinar, principalmente nos seguintes temas: tempo, espaço, memória e história. alessandraccosta@gmail.com

INTRODUÇÃO

A observação das linhas gerais da evolução da ciência evidencia que a separação entre o pensamento racional e o místico nunca foi tão nítida, mas sempre marcada por contradições, idas e vindas. Dessa forma, na abordagem da realidade, deve-se adotar uma perspectiva transdisciplinar que, além de permitir a quebra das fronteiras entre as disciplinas, permite olhares subjetivos dos sujeitos que possuem, além de racionalidade, emoção, intuição e religiosidade.

Na busca de uma compreensão melhor acerca dos acontecimentos e fenômenos no mundo, o pensamento científico está superando a fragmentação do conhecimento do homem e do mundo e volta à ideia de unidade expressa na Grécia antiga e nas filosofias orientais. Todas as coisas e todos os fatos percebidos na natureza estão inter-relacionados, a visão do mundo é dinâmica. O tempo e as mudanças são características fundamentais desse pensamento. O cosmo é uma realidade inseparável marcado pelo eterno movimento “vivo, orgânico, espiritual e material ao mesmo tempo” (CAPRA, 1983, p. 26). Essa ideia da unidade pode ser observada no próprio trabalho de Capra. Segundo ele, a influência da Física moderna ultrapassa a tecnologia e estende-se ao reino do pensamento e da cultura; além disso, segundo ele, a Física moderna tem passado por uma revisão no que diz respeito à relação do homem com o universo.

Nessa esteira segue o pensamento de Edgar Morin em obras como *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2011) e *A religação dos saberes* (2013). De acordo com esse autor, o saber científico é não apenas provisório, mas cheio de mistérios e, por isso, abordagens filosóficas e crenças religiosas dão suas contribuições na busca de uma compreensão da condição humana no universo. Para Morin, a educação do futuro depara-se com o desafio de, por um lado, lidar com os saberes desunidos e, por outro lado, se deparar com “realidades ou os problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”, (MORIN, 2011, p. 33). Para que a educação dê conta dos desafios da contemporaneidade, é preciso que o conhecimento não desconsidere o contexto, o global, o multidimensional e o complexo. Visto por esse prisma, é preciso que haja uma religação dos saberes. Assim, o ensino deve contribuir para que o estudante perceba o enraizamento da sua história e da sua cultura e, ao mesmo tempo, que sua própria história está ligada à história de outros povos.

Dentro desse contexto é que nos propomos a pensar a religação dos saberes da história e da literatura. Paul Ricoeur já apontou a identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção. O pressuposto dessa identidade é o caráter temporal de toda experiência

humana. Por meio da literatura, nos deparamos com a subjetividade humana num tempo histórico específico que interfere nessa subjetividade. A literatura, então, contribui para o conhecimento do ser humano e das suas relações sociais num dado tempo histórico.

A religação dos saberes históricos e literários será feita por meio da abordagem da obra de William Faulkner. Esse autor é conhecido por narrar a decadência do Sul dos Estados Unidos. As suas personagens, cheias de conflitos e dilemas internos, vivem no condado de Yoknapatawpha. William Faulkner criou esse condado, mas ele é, ao mesmo tempo, real e imaginário. Sua sede fica na cidade de Jefferson, no estado do Mississippi. Com sua criação ficcional, transformou a geografia, a história e o povo do norte do Mississippi.

A saga: um mundo social em mutação

Não pretendemos de maneira nenhuma reconstruir a saga cronologicamente. Até porque essa reconstrução já foi feita pelos estudiosos de Faulkner.¹ Mas queremos apontar o período histórico ao qual essas obras se referem: início do processo de colonização nos Estados Unidos e o desenvolvimento do Sul até a década de 40 do século XX. Não é possível reconstituir uma sequência linear, ainda que tivéssemos espaço para isso, visto que alguns dos acontecimentos relacionados às famílias que formam o condado são simultâneos.

Além das obras que fazem parte da estruturação da saga: *Sartoris* (1929), *O som e a fúria* (1929), *Absalão, Absalão* (1936), *Os invencidos* (1938), *O povoado* (1940), *Desça Moisés* (1942), *Réquiem para uma freira* (1951), *A cidade* (1957) e *a Mansão* (1959), incluimos, para reconstruirmos a tessitura da intriga, o apêndice da obra *O som e a fúria*. A tessitura da intriga da saga alcança um período que vai de 1540 a 1950. A cobertura de um período de tempo tão longo faz jus aos objetivos de uma saga que, dentre outras características e objetivos, pretende fazer uma narração fecunda de incidentes em que não somente as ações individuais são importantes, mas as dos grupos inseridos em um espaço definido.

Esse período que tem início em 1540 remete a um tempo em que a área, nos Estados Unidos, que atualmente é conhecida como Mississippi, foi habitada por nativos americanos: os Chickasaw, no norte, os Choctaw, no centro e os Natchez, no sul. Não somente esses grupos habitavam a América do Norte, mas centenas de grupos indígenas, dentre eles os cherokees, os iroqueses, os algonquinos, os comanches e os apaches. A história desse povo foi

¹ Um exemplo dessa reconstrução está disponível em: <http://www.mcsr.olemiss.edu/~egjbp/faulkner/faulkner.html>. Acesso em Agosto de 2009.

completamente modificada pela chegada dos europeus (os ingleses não foram os pioneiros na América). O sofrimento dos nativos continuou durante todo o período colonial e se intensificou, no século XIX, com a expansão para o oeste. Os quakers, menonitas, católicos e puritanos foram os ocupantes da terra.

Feita essa exposição, devemos fazer a seguinte afirmação: a ficção de Faulkner apreende a história individual e coletiva do Sul dos Estados Unidos. Os livros que foram selecionados para serem mencionados neste texto demonstram a formação de cidades e a ascensão e a queda de grandes famílias; portanto, mais que nunca é a representação da sucessão da vida através do tempo. De acordo com Morin (2013, p. 357), “a história é a ciência que situa no tempo tudo que é humano”, o que demonstra o entrecruzamento entre a literatura e a história, visto que os acontecimentos inscritos na obra de Faulkner, embora não tenham compromisso com a veracidade histórica, inscreve-a em seus limites.

De acordo com Ricoeur, toda composição literária, mesmo que seja inovadora – experimental no que diz respeito à nossa experiência temporal –, possui a tessitura da intriga enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação. E, relacionadas a essa pré-compreensão, estão as suas estruturas inteligíveis, as suas fontes simbólicas e o seu caráter temporal.

Quando falamos em ação, falamos em fins e estes remetem a motivos que evidenciam por que alguém fez ou faz alguma coisa. Se mencionamos alguém, é porque, para a concretização da ação, é preciso que haja agentes. Nesse sentido as perguntas “por quê?” e “quem?” são complementares. Estas são estruturas inteligíveis tanto para o escritor quanto para os leitores.

Queremos considerar a saga como um todo, e não as obras isoladas, e, assim, serão importantes as ações que envolvem não somente indivíduos, mas as dos grupos que estão inseridos no condado. Sendo assim, vemos que os fins e os motivos que evidenciam por que alguns homens quiseram adquirir lotes de terra no Sul dos Estados Unidos, já estão presentes na experiência prática da história do Sul dos Estados Unidos, nível de mimese I, conforme a ampliação do conceito de mimese de Ricoeur em mimese I, II e III, e a tessitura da intriga da saga está enraizada nessa experiência. A história das famílias que compõem o condado de Yoknapatawpha está ligada à história dos nativos Chickasaw. Percebemos que os motivos dos brancos era a aquisição de terras para construir seus impérios econômicos e foi o que fizeram as famílias Compson, Sartoris, McCaslin, Sutpen. Os agentes são essas famílias que agiram e sofreram em determinadas circunstâncias.

Ainda o que sustenta a relação entre a composição narrativa e a compreensão prática são os recursos simbólicos. O fato de a ação poder ser narrada deve-se ao fato de ela ser sempre “simbolicamente mediatizada” (RICOEUR, 1994). O caráter público do termo símbolo presume que a significação da ação é compreensível aos agentes dos relacionamentos sociais. Isso significa que a mediação simbólica, antes de aparecer na obra, já existe na compreensão prática. Os símbolos, portanto, são importantíssimos para a compreensão das ações. Assim fica compreensível por que a derrocada moral final da família Compson está relacionada à gravidez de Candace, Caddy, fora do casamento, pois, no Sul, era inadmissível que uma jovem não fosse virgem.

A derrota da causa sulista na Guerra de Secessão não causou danos à produção literária como causou para a história político-econômica do Sul, pois a Guerra não conseguiu destruir o mito do cavaleiro do Sul que já havia se consolidado na tradição literária. As raízes desse mito estão fincadas no solo dos primeiros estabelecimentos coloniais, fundados com a vinda dos adeptos dos reis Stuarts. Assim, em se tratando de um processo de colonização, os conflitos vivenciados na Inglaterra no século XVI tiveram continuidade no Novo Mundo.

É nesse sentido que Ricoeur diz que a primeira legibilidade da ação está associada ao simbolismo, ou seja, ao conhecimento pelos agentes da convenção simbólica. Nesse caso, os códigos culturais regulamentam as ações e, de acordo com as regras de comportamento, as ações dos indivíduos são apreciadas ou reprovadas. Os ideais puritanos dominavam o sul protestante, o que significa dizer que a convenção simbólica do Sul era norteada pelo código protestante e, nesse sentido, é compreensível o quanto as ações de Flem Snopes são repudiadas pelos habitantes de Jefferson.

Os caracteres temporais são o terceiro traço de pré-compreensão da ação que a obra pressupõe. O grande sentido da mimese I é pré-compreender o que ocorre no mundo prático e isso significa compreender a sua semântica, a sua simbólica e a sua temporalidade. Depois de feita essa compreensão é que a tessitura da intriga é construída e, portanto, a mimética textual. Assim o que Faulkner configurou na saga do condado de Yoknapatawpha já figurava no Sul dos Estados Unidos.

Conforme sabemos, a mimese II tem a função de mediar, pois se encontra numa posição entre um estágio anterior e um posterior da mimese. Mais que incluir a mimese II nessa posição é preciso compreender sua função de mediação entre o montante e a jusante da obra e essa função está relacionada ao caráter dinâmico da operação de configuração. Três são os motivos que constituem a função de mediação à intriga: ela medeia acontecimentos

individuais e uma história considerada como um todo; compõe fatores heterogêneos e tem traços temporais peculiares.

Relacionados à saga, acontecimentos individuais estão articulados aos coletivos, pois se trata de uma saga. Ela compõe fatores heterogêneos tais como agentes, fins, meios, interações, circunstâncias etc. E, finalmente, apresenta traços temporais, visto que arranca uma representação da sucessão e aparece, para o leitor, na forma de uma história a ser seguida. Nesse sentido é que a tessitura soluciona poeticamente o paradoxo da temporalidade.

A biografia de Faulkner, escrita por David Minter, e intitulada *William Faulkner, his life and work* (1992), foi construída com base no pressuposto de que há uma relação estreita entre Faulkner, o artista, e sua obra: “I try, therefore, to present his life as a life of writing and his art as a writing or reconstituting of his life” (MINTER, 1982, “Prefácio”). Minter evidencia o interesse que Faulkner tinha pela história do Sul, bem como pela de sua família, visto que ela fazia parte da aristocracia destronada pelos capitalistas que foram gradativamente assumindo o comando da região, especialmente depois da Guerra Civil Americana que assolou o Sul.

Na concepção de Faulkner, a tradição do artista, da região, do povo não pode ser desprezada no momento da composição da obra. Daí o seu compromisso com a história do Sul. Em função dessa absorção, Faulkner fez intensos estudos sobre o Sul, sobre suas tradições, sobre sua história, fato que reforça a pré-compreensão que teve sobre os acontecimentos no Sul, no que diz respeito tanto aos acontecimentos familiares quanto aos sociais e históricos.

O artista e o historiador: procedimentos similares

Relacionado ao nível de mimese I, e, portanto, às antecedentes considerações de Minter, queremos apontar para o fato de que o ficcionista pode recorrer também aos procedimentos de conexão utilizados pelos historiadores como o calendário, a sequência de gerações, os arquivos, documentos e rastros. Assim veremos que a armação da intriga que é tecida pelas respostas às perguntas “o quê”, “como”, “quem”, “em que circunstância” etc. converge para os procedimentos de conexão. Esses procedimentos são denominados conectores, porque são eles que possibilitam a ligação entre o tempo vivido e o universal.

A instituição do calendário regulamenta a invenção do tempo histórico, que pode ser considerado um terceiro tempo, visto que ele está relacionado tanto à perspectiva objetiva do tempo quanto à subjetiva. Esse terceiro-tempo é apenas a sombra projetada sobre o plano da prática dos historiadores pelo tempo mítico.

O rito faz a aproximação do tempo mítico à esfera profana da vida e da ação e o mito faz a ampliação do tempo e do espaço. O que Ricoeur retém do mito e do rito é apenas sua contribuição para a integração do tempo vivido e cósmico. Nessa integração é que os indivíduos vivem, agem e padecem. O tempo do calendário é socializado. Há três características que são comuns a todos os calendários: a primeira é um acontecimento fundador que faz abrir uma nova era. Esse acontecimento fundador é o momento axial do calendário; a segunda é o fato de o tempo, a partir do momento axial, poder ser percorrido em duas direções – antes e depois do acontecimento fundador – e a terceira característica é o estabelecimento de medidas que servem para denominar intervalos: o dia, o mês e o ano. Essas três características permitem-nos reconhecer simultaneamente semelhanças com o tempo físico, bem conhecido desde Platão e Aristóteles, e com o vivido, tematizado desde Santo Agostinho.

A semelhança com o tempo físico é percebida pelos aspectos contínuos, uniformes, lineares e segmentáveis que caracterizam também o calendário. Sendo segmentável, o tempo não despreza as relações de anterioridade e de posterioridade, mas ignora a relação entre passado, presente e futuro. No entanto, se o tempo do calendário se baseia nos fenômenos astronômicos, ele escapa a esses fenômenos quando se refere à divisão do tempo.

A reconstituição da saga do condado de Yoknapatawpha evidencia o fato de o artista fazer uso dos procedimentos do historiador. Os acontecimentos da saga podem ser organizados numa linha do tempo, o que já foi feito pelos estudiosos de Faulkner. E um dos momentos axiais mais importantes que podemos considerar é a Guerra Civil Americana. Não há dúvida de que ela é importante para dar uma posição no tempo a outros acontecimentos. As vidas das personagens são postas no calendário e, por isso, situamos dentro do contexto da vasta história da saga o tempo de tais acontecimentos, se foram antes ou depois da Guerra Civil, antes ou depois da Primeira Guerra Mundial ou da Segunda. O aparecimento de eventos que efetivamente aconteceram no mundo prático pode ser considerado a irrupção do tempo histórico nos limites da obra de ficção.

A sequência de gerações não se apoia na escora astronômica, mas na biológica, pois ela está relacionada do ponto de vista sociológico na ligação entre contemporâneos, predecessores e sucessores e é a base em que repousa a relação entre os indivíduos. A sequência de geração pressupõe a cadeia dos agentes históricos que estão vivos, mas que sucederam os mortos. A substituição contínua dos mortos pelos vivos é o que estabelece o terceiro-tempo característico da sequência de geração. A continuidade histórica pressupõe essa substituição das gerações e, nessa substituição, está o ritmo da tradição e da inovação. A

substituição das gerações na saga permite-nos acompanhar o choque entre as gerações. O coronel Sartoris tinha muita dificuldade em se relacionar com seu neto Bayard Sartoris. Os valores que norteavam a vida do velho coronel eram bastante distintos dos do neto. Da mesma forma os valores de Caddy em relação aos de mãe. Os de Quentin, filha de Caddy, eram ainda mais distintos dos da avó.

Pertencem a uma mesma geração os indivíduos que são expostos às mesmas influências e que são marcados pelos mesmos acontecimentos e pelas mesmas transformações. Disso resulta que Bayard Sartoris e seu avô não são contemporâneos, embora, a partir de certo tempo, passaram a viver no mesmo tempo histórico. Esse sentimento de pertença a uma geração está ligado ao fato de receberem uma orientação comum. Na sequência das gerações há um cruzamento entre a transmissão da orientação e a abertura às novas possibilidades de vida. É no encadeamento das gerações que se pode perceber o caráter dialético da dinâmica social. E, nesse sentido, há a existência simultânea de valores em cada tempo histórico, porque as gerações, ao mesmo tempo em que se substituem, vivem simultaneamente.

Os últimos instrumentos de pensamento utilizados pelo historiador – e que também podem ser utilizados pelo artista, e realmente foram utilizados por Faulkner – são os arquivos, os documentos e rastros. Ricoeur recorre à *Encyclopaedia Universalis* e à *Encyclopaedia Britannica* para definir melhor o que vem a ser arquivo. Da leitura das definições, ele isola três características: os arquivos são um corpo organizado de documentos, de registros; os arquivos são resultado de atividade institucional ou profissional; são produzidos ou recebidos por entidades. O grande objetivo do arquivamento é a conservação, a preservação de documentos.

A noção de documento dá apoio, garantia, a uma história que é contada. “Esse papel de garantia constitui a prova material, o que em inglês é chamado de ‘evidence’, da relação que é feita de uma seqüência de acontecimentos” (RICOEUR, 1997, p. 197-198). Dessa forma, é possível pensar a historiografia contemporânea como uma ampliação da memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da literatura de forma contextualizada e relacionada à história nos permite ver “os indivíduos em sua singularidade e subjetividade, sua inserção social e histórica, suas paixões, amores, ódios, ambições e ciúmes” (MORIN, 2013, p. 19). Isso significa que podemos ter uma consciência maior da realidade das experiências humanas, bem como de sua

complexidade. A ficção de Faulkner abarca um longo período histórico: da colonização à ascensão dos Estados Unidos, a partir da Segunda Guerra Mundial. Isso significa que podemos compreender a configuração da nação que foi fundamental para os rumos da história no século XX e observar a complexidade das relações pessoais e/ou culturais, visto que a formação dos Estados Unidos se deu por meio de um amálgama cultural e sua expansão para o mundo desencadeou conflitos intensos em função dos conflitos de valores e de cultura.

Dessa forma, o ensino de literatura no ensino superior deve possibilitar aos alunos verem-se como cidadãos planetários, visto que o desenvolvimento da história humana, desde as grandes navegações, no século XVI, promoveu o encurtamento das distâncias e promoveu uma interação maior entre povos diferentes, com culturas diferentes que precisam conviver harmoniosamente para que o planeta e as relações humanas sejam sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAULKNER, William. *Réquiem para uma freira*. Trad. Luis de Sousa Rebelo. Lisboa: Fólio, 1958.

_____. *Os invencidos*. Trad. Abel Marques Ribeiro. Lisboa: Editorial Minerva, 1960.

_____. *O povoado*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1997a.

_____. *A cidade*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1997b.

_____. *Absalão, Absalão*. Trad. Sônia Régis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981a.

_____. *A mansão*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.

_____. *O som e a fúria*. Trad. Paulo Henriques Brito. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2003.

_____. *Sartoris*. Trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez Editora/Unesco, 2011.

_____. *A religião dos saberes*. O desafio do século XXI. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.